



NORTEGLOBAL

Hélder Santos venceu Prémio Talento e sedimenta uma carreira científica na Universidade de Helsínquia, Finlândia

Investiga tecnologia que pode “substituir” quimioterapia

PEDRO JOSÉ BARROS
pedro.barros@grandeporcionline.com

Chegar à Finlândia foi para Hélder Santos “um grande choque cultural”. Não conhecia ninguém e nos primeiros meses questionou-se se conseguiria levar o doutoramento até ao fim. Lá fora, 25 graus negativos “insuportáveis” e um modo de vida “muito diferente”. Foi complicado adaptar-se, mas as dificuldades foram superadas com a ajuda familiar e muita “força de vontade”. A determinação revelou-se imprescindível para se tornar no mais jovem cientista a finalizar o doutoramento (em Engenharia Química) na Universidade Tecnológica de Helsínquia.

Depois de terminar o curso de Química na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Hélder Santos mentalizou-se que o melhor era “ir para fora para crescer ainda mais como cientista”, refere ao GRANDE PORTO. Já na Finlândia, ingressou “num grande projecto de investigação” financiado pela União Europeia que integrava 12 universidades europeias de nove países.

Findo o doutoramento, agarrou uma oportunidade na Faculdade de Farmácia da Universidade de Helsínquia, à qual se encontra ligado actualmente. Neste momento, a investigação foca-se no “desenvolvimento de tecnologia que possa ser aplicável para melhorar a eficácia e eficiência de alguns fármacos existentes no mercado, ou de outros que estão ainda em fase de desenvolvimento”. Trata-se de tecnologia que, num futuro próximo, poderá “substituir definitivamente a quimioterapia, no caso do tratamento dos diversos cancros, com a vantagem de ser muito menos penoso para os pacientes e com melhores e mais rápidos resultados na recuperação pós-tratamento”.

Uma das linhas de investigação assenta em compreender “como os biomateriais interagem com as células (se são ou não biocompatíveis), desenvolver estratégias para proteger



PERFIL

HÉLDER SANTOS

Tem 29 anos e é natural de Tarouca, distrito de Viseu. Começou a carreira na Universidade do Porto. É investigador, professor e doutorou-se em Engenharia Química na Universidade Tecnológica de Helsínquia. Venceu o Prémio Talento, em 2009, na categoria de Ciência, distinção que recebeu “com grande honra”.

os fármacos (através da nanotecnologia) para que estes sejam transportados no organismo através da corrente sanguínea, e evitar que percam a sua eficácia durante o transporte, e finalmente, assegurar que estes cheguem ao seu destino e possam actuar eficazmente”.

PRÉMIO TALENTO

Em 2009, venceu o Prémio Talento na categoria de Ciência. Considera uma “grande honra ter sido nomeado e ter vencido”. O prémio foi o “reconhecimento pelo mérito do trabalho desenvolvido até aqui, pela dedicação e esforço que permitiram ultrapassar

todos os obstáculos” e veio “aumentar ainda mais” a sua responsabilidade para o futuro e a sua “dedicação”.

Enquanto cientista e docente tem em conta várias preocupações: a “eterna” questão do financiamento; a publicação de artigos para poder “sobreviver” no mundo académico; encontrar alunos motivados a seguirem os estudos de doutoramento, sem os quais a investigação de qualquer grupo “torna-se lenta, obsoleta, e ineficiente” e ainda a rapidez na obtenção de resultados.

LEITURA, PIANO E ESQUI

Apesar de todo o trabalho, Hélder Santos desfruta de algum tempo livre. Sempre que possível, passa-o com a esposa ou a visitar a família finlandesa. Gosta de colocar a leitura em dia, sobretudo livros históricos. Também aprecia a música, e tocar piano em casa ajuda-o “a relaxar” e é uma “fonte inspiração”. No Inverno, aproveita para fazer a sua sessão de esqui de fundo (esqui cross-country, desporto muito comum entre os finlandeses), “para aliviar o stress”. E não esquecer “uma sessão de sauna à boa maneira finlandesa”.



CRÓNICAS DO EXÍLIO

MANUEL QUEIROZ
Director do i
manuel.queiroz@grandeporcionline.com

Uma reforma importantíssima, um exemplo da capital

É notícia de ontem: o PS e o PSD de Lisboa chegaram a acordo para uma reforma verdadeiramente importante, que prevê fundir freguesias e passar o seu número de 53 para 24 na capital. A Assembleia Municipal de Lisboa deve discutir a proposta na próxima semana e os dois partidos esperam ter tudo pronto já com vista às eleições autárquicas de 2013, mas antes disso ainda será colocada em discussão pública e submetida à votação dos órgãos autárquicos, para que possa depois ser enviada à Assembleia da República.

É uma proposta importante – nem tudo o que vem da capital é mau, como é evidente – porque permite dar o tiro de partida para um novo entendimento do ordenamento regional e local que, fatalmente, acabará num novo ordenamento administrativo nacional. Não sei se será a Regionalização o fim último desta história, mas sei que teremos um país diferente em poucos anos.

Também no Porto há freguesias que não fazem sentido e no País todo há câmaras mais pequenas (ou seja, com menos habitantes) do que muitas freguesias das grandes cidades. Mas a eficiência da administração e a boa aplicação dos recursos não se compadece com divisões antigas e sem correspondência com a realidade.

Tenho um problema, porém: em Lisboa alguém começou a chamar mini-câmaras às juntas de freguesias quando se fundirem. Parece-me um erro: é que as Câmaras têm uma função e as juntas outras funções. Não serão mini-câmaras nem devem querer sê-lo (para isso então tinham que ser sete ou oito e não 24 como agora se propõe). Não se devem confundir as coisas nem dar ideias erradas. Essas juntas terão mais competências, mas continuarão a ser as instâncias mais próximas do cidadão e é assim que devem ser reconhecidas.